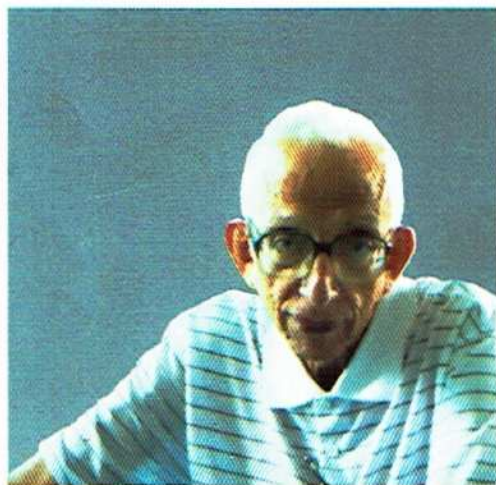


Missão Salesiana de Mato Grosso
Rua Pe. João Crippa, 1437
Campo Grande - MS - Brasil



PE. EDUARDO FRANCISCO ONOFRE DE AMBRÓSIO

Ao iniciar o penúltimo dia de janeiro de 2011, precisamente à 1h00, Pe. Eduardo entregou sua vida a Deus; estava alquebrado e abatido. Seu organismo não mais encontrava forças para absorver as energias necessárias para manter em funcionamento as atividades mais essenciais de seu corpo.

Depois de dois anos de combate ao câncer, entregou-se a um estado de sustentação de seu organismo por chás medicinais. Estes não foram suficientes para reanimá-lo. Seu corpo, gasto por tantas crises fortes de câncer, perdia a capacidade de reanimar e de armazenar energias para o funcionamento normal das funções necessárias para manter a vida, ou seja, o impulso vital. Definhava a olhos vistos. Acometido pela doença, foi-lhe concedida a graça de dois anos de vida e possibilidade de exercer o seu ministério sacerdotal. Porém, ao chegar à casa de suas irmãs em Belo Horizonte/MG, parece que seu organismo relaxou e deixou de se reanimar. Nesse último percurso, seu último caminho, resistiu

somente por quinze dias para desfalecer depois de gastas as últimas reservas de energias vitais. Repousou um pouco com oxigênio, mas, não tolerando mais a presença de aparelhos, desistiu de se manter assim e foi se encaminhando em paz para o momento decisivo de sua passagem para a casa definitiva, para a casa do Pai.

Pe. Eduardo Ambrósio veio para a Inspetoria de Santo Afonso Maria de Ligório logo após o tempo dos estudos de filosofia. Conhecera os salesianos, pois tinha um irmão também sacerdote salesiano. Foi encaminhado para o aspirantado de Lorena/SP, onde concluiu o ginásio em 1945, no Colégio São Joaquim, ao findar da Segunda Guerra Mundial. Em seguida, foi para o noviciado em Pindamonhangaba/SP, no ano de 1946, ao término do qual fez a sua primeira profissão na Congregação Salesiana, em 31 de janeiro de 1947. A etapa seguinte de sua formação aconteceu em Lorena/SP, com os três anos de estudos de filosofia. Nos três anos de tirocínio, já presente nas casas da Inspetoria de Mato Grosso, passou a trabalhar nos internatos de então, como assistente no Colégio São Gonçalo, onde foi também professor de português e outras disciplinas. Conviveu com tantos mestres de oficina e com os aprendizes, nos tempos em que o São Gonçalo teve como Diretor o Pe. Camilo Faresin, mais tarde bispo de Guiratinga/MT. No retiro de final dessa etapa, já em 31 de janeiro de 1953, fez solenemente, como era costume, profissão perpétua ao lado daqueles que simplesmente ainda renovavam os santos votos.

Ainda nesse ano, 1953, iniciou seus estudos teológicos no Instituto Teológico Pio XI, Lapa, São Paulo. Passaram-se os quatro anos de estudos de teologia da mesma forma que os períodos anteriores de sua formação: era aplicado e disciplinado de acordo com os costumes, procedimentos, processos, tradição e ordens daquele tempo. Os horários de estudo, trabalhos e apostolados, muito bem aproveitados, viveu-os em uma grande comunidade de

mais de 80 estudantes que, ao lado do seu estimado diretor, participavam da vida diária com as mais simples e intensas atividades extras. Não era afeito à prática esportiva; dedicava-se aos pequenos trabalhos e a jogos mais simples, como as célebres partidas de bochas ou de vôlei.

Os estudos teológicos antes do Concílio Vaticano II pautavam-se por seguir bem os manuais estruturados em língua latina ou em português, uma modalidade fortemente enraizada na lógica silogística com as escalas de provas pela natureza, pela história, pela razão e pela sagrada escritura. Outra fonte comprobatória desses textos eram as citações dos Santos Padres. Estudava-se com essa metodologia, e as disciplinas de Direito Canônico, de Liturgia, de Moral passavam pelas célebres rubricas e pelos cânones sagrados. Porém a disciplina mais elaborada em pormenores e em nuances possíveis era a Moral, perfeitamente identificada com o seu eterno mestre Pe. Brenno. Os tempos com suas características proporcionavam a formação da teologia simples, mas eficiente como luz para os trabalhos nos colégios, nos oratórios e nas casas de formação, muito bem estruturadas desde 1930.

Na década de 1950, essa sistematização ganhara uma força enorme perante todos os salesianos estudantes do Brasil, que não mais se dirigiam para os estudos dessa etapa na Crocetta, em Turim, como foi com a maior parte dos sacerdotes desta Inspeção no período imediato ao final da Segunda Guerra Mundial de 1945. Pe. Eduardo fora para a Lapa por vários motivos, principalmente por ter sido originário das casas de formação de São Paulo e por iniciar-se um período em que os formandos não mais saíam do Brasil.

Sua ordenação sacerdotal aconteceu após o término do quarto ano de Teologia, e sendo todos ordenados em São Paulo, no dia 04 de novembro de 1956. Esta era a tradição: todos eram ordenados em um só dia; sem distinção, todos cumpriam com esse

ritual. Após a ordenação, Pe. Eduardo recebeu sua designação para pertencer à comunidade do Seminário Cristo Rei de Cuiabá/MT, pertencente à Diocese, mas animado pelos salesianos. Era Arcebispo Dom Orlando Chaves, e seguia-se o ritual da formação salesiana com características especiais. Mas eram os salesianos que deveriam ministrar as aulas e as palestras de formação. Assíduos às funções solenes da antiga catedral, todos se apresentavam devidamente paramentados de batina preta e sobrepeliz. Nesse ambiente, o Pe. Eduardo passou, como educador/formador, seus primeiros cinco anos de sacerdócio. Como foco principal de seu trabalho, tinha o acompanhamento dos seminaristas e, aos sábados e domingos, era vigário em diversas igrejas da região.

Em 1962, foi transferido para o Colégio São Gonçalo, em Cuiabá/MT, na função de Conselheiro Escolar. O Colégio São Gonçalo, uma das primeiras casas da Inspetoria, abrigava, nesses anos, alunos externos, internos, aprendizes, e eram muitos os salesianos, em especial de mestres de ofícios e, sobretudo, pelo singular valor do Observatório Meteorológico. Como Conselheiro Escolar, teve de manter a disciplina e as aulas em perfeito funcionamento. Além disso, era o responsável pelo andamento normal dos alunos nos três turnos diários. Cuidava das aulas e dos professores, verificava se o rendimento escolar era adequado, caso contrário, teria que providenciar aulas de reforço ou correção eficaz quanto aos alunos menos aplicados nos estudos. Sempre presente, era o responsável pelo bom comportamento de todos, uma função altamente exigida também nas atividades extraclasse, como nos esportes, nas festividades, nos desfiles, nas comemorações patrióticas, nas sessões teatrais e no rendimento escolar. Pe. Eduardo não se negava a nada e se alegrava pelo ritmo simples, mas intenso, do colégio: de seriedade nos estudos, piedade forte e alegria intensa nos recreios, no pátio.

De 1964 a 1965, designaram-lhe nova função, mas permaneceu na mesma casa: foi designado ecônomo. A função de ecônomo naquele colégio era muito complexa: cuidar das finanças em geral; estar atento aos internos e aprendizes que possuíam dois

refeitórios, em que eram servidas mais de duzentas refeições; cuidar da infraestrutura do prédio; providenciar o material necessário para as várias oficinas e laboratórios de aprendizes; cuidar dos externos; e, de forma global, controlar entradas e gastos para prover a todas as necessidades dessa ampla comunidade de salesianos e de alunos. Tempos ainda em que tudo era simples, mas era grande a exigência de previsão para atender a demanda de todos os setores. Assim participou, nesses cinco anos, de uma comunidade numerosa de salesianos, dos quais a maior parte eram mestres de oficinas e artes, irmãos coadjutores. Deve ter-se dado muito bem com o povo e alunos cuiabanos, pois sua mineirice era bastante propícia à cultura cuiabana. Nesse tempo, o São Gonçalo mantinha ainda o pátio interno como campo de futebol e, para proporcionar sombra no momento de recreio, o campo de futebol dos menores era rodeado de árvores, sete copas, pátio esse que ele mantinha limpo e do qual recolhia diariamente as folhas caídas. Dedicado ao ambiente educativo e aos alunos, sempre muito cuidadoso na assistência às aulas e à casa, era simples, exigente, revelava-se próximo de todos e mantinha a sua alegria nos momentos dos recreios ou nos momentos das refeições. Uma vez estabelecidas as atividades e as responsabilidades, Pe. Eduardo cumpria suas atribuições com zelo e cuidado de um verdadeiro filho de São João Bosco, devotadamente.

De 1966 a 1968, o Pe. Eduardo Ambrósio foi pároco na cidade de Barra do Garças/MT.

Em 1969, Pe. Eduardo foi designado Diretor do Seminário Diocesano de Campo Grande/MS, onde passou apenas esse ano com os seminaristas diocesanos remanescentes, pois, com o seminário maior de Filosofia e Teologia, a Diocese decidiu encerrar as atividades do seminário menor. O prédio do seminário ainda não tinha sido ainda terminado. Nessa ocasião, Pe. Eduardo teve a oportunidade de conviver com Dom Antônio Barbosa, pessoa de singular bondade e fineza de trato.

Em seguida, foi designado para a casa vizinha, em Campo Grande/MS, Lagoa de Cruz, onde funcionava o aspirantado incipiente e a gloriosa Escola Agrícola São Vicente, como internato

para mais de 50 alunos. As aulas do primário funcionavam em convênio com o Estado. Porém, como conselheiro escolar, permaneceu somente um ano, o de 1970. No ano seguinte, seu último ano de trabalho em casas de internatos, foi designado ecônomo de todas as atividades da Lagoa da Cruz, função que exerceu de 1971 até 1978, com a mesma dedicação de sempre. Sob sua responsabilidade, existiam, naquele tempo, muitas atividades produtivas necessárias para a manutenção da casa: galinheiro, condução do cuidado com o gado e porcos, mas, principalmente, cultivo da grande horta e das lavouras, atividades essas a que Pe. Eduardo dedicava-se totalmente, assim como aos meninos da escola agrícola. Nunca perdia a paciência e a tudo ordenava com alegria, sempre atento ao preparo do necessário para a alimentação dos salesianos, dos aspirantes e dos 60 internos da escola agrícola. Trabalhador incansável, seguia seu horário e sua estratégia para gerenciar todas essas atividades e, normalmente muito cansado, dormia em diversos lugares: não podia se assentar que o sono chegava forte, dobrava-se sobre a escrivaninha e dormia ali. Quantas vezes foi acordado, quando dormia de joelhos na igreja onde tentava rezar as horas de seu breviário! Ao final desse tempo de trabalho, foi designado para o ministério paroquial e assim permaneceu até o final de sua vida.

Após muitos anos como educador em colégios, nas casas de formação, como diretor, encarregado dos estudos e ecônomo, passou a ser designado para o trabalho paroquial, tornando-se pároco em algumas localidades da Inspetoria. A primeira tarefa de pároco, exerceu-a de 1979 até 1984, na paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, no Paulo VI, em Campo Grande/MS. Com o mesmo ritmo calmo e muito zelo, atendia a todos e percorria as várias capelas para que todos tivessem a devida assistência espiritual. Contou com o auxílio da comunidade formadora do Paulo VI em todas as atividades e festividades. Nesse tempo, ganhou ênfase a expansão do Oratório Festivo anexo à Paróquia.

No final do ano de 1979, o Pe. Eduardo Ambrósio procurou o Sr. Anízio, paroquiano já falecido, para que ele agilizasse, junto com pessoas que conhecia, a possibilidade de ensaiar uma missa sertaneja. O Pe. Eduardo mostrou ao Sr. Anízio um disco (compacto) com 06 músicas sacras sertanejas, composta por Marino Cafundó de Moraes, gravada com o grupo de Violas, Violões, Sanfonas, Pandeiros e outros instrumentos de percussão. Na oportunidade, o Sr. Anízio informou que quem poderia organizar um grupo para a Missa Sertaneja, era o Sr. João Rivarola, a cuja casa eles foram. A partir dessa conversa, contando com a participação de outras pessoas que tocavam e cantavam, resolveram formar um grupo sertanejo. A grande atração do grupo era a pequena menina Lillian Rivarola, que, aos 05 anos de idade, já executava violão e ensinava os demais a tocar. Os ensaios realizados pelo grupo serviram para a celebração da Missa Sertaneja, a primeira do Grupo Sertanejo, no dia de Nossa Senhora Auxiliadora, 24 de maio de 1980, na própria Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora (Paulo VI). A Missa foi presidida pelo Bispo Dom Antônio Barbosa. Ele gostou tanto da missa que fez um compromisso com o Grupo Sertanejo de apresentá-lo aos organizadores da missa transmitida todos os domingos pela TV Morena – Canal 6, a qual o grupo, como convidado, animou aos domingos, por mais de 05 anos. Pe. Eduardo sempre foi lembrado pelos integrantes do Grupo Sertanejo, como o idealizador desse grupo, o qual acompanhou desde a formação. Quando o Pe. Eduardo deixou de ser o pároco da matriz de Nossa Senhora Auxiliadora, o Sr. Claudemir Rivarola compôs para ele uma pequena música de despedida, anexa no final desta carta, a qual foi cantada na missa de despedida. Na ocasião, as pessoas se emocionaram,, bem como os integrantes do Grupo Sertanejo. Pe. Eduardo era tão devoto de Nossa Senhora que pediu, por várias vezes, ao Grupo Sertanejo que cantasse a música Ave Maria do Vaqueiro, também anexa no final. O Grupo Sertanejo compôs

músicas de aniversários, casamentos e homenagens, as quais passavam pelo crivo do Pe. Eduardo para serem cantadas nas missas. Eis o depoimento de um integrante do Grupo Sertanejo:

"O certo é que o Pe. Eduardo Ambrósio deixou um grande legado a todos nós, ensinando-nos a evangelização através da música sertaneja. Isso fica marcado nos corações de todos os membros do Grupo e com muita saudade dele. Registramos que tristeza não, mas saudade de um grande amigo e de grande espiritualidade".

A partir de então, de 1985 a 1990, Pe. Eduardo foi pároco em Três Lagoas/MS, diretor da comunidade e pároco titular. Trabalhou com zelo incansável no atendimento das pessoas e da comunidade paroquial pelos seis anos regulamentares. Nessa cidade, iniciou também sua atividade pastoral mediante a comunicação através de um programa diário de rádio, em que a animação pastoral acontecia de forma poética e exortativa. Ao lado de outros salesianos, passou anos de intenso trabalho pastoral e de alegrias simples mas altamente reconfortadoras. Iniciou gloriosamente uma atividade pastoral especial, com programas regulares de exortação do povo através do rádio. Nessa atividade, fizeram-se presentes todas as suas qualidades de poeta popular e de seu gosto de frases espirituosas, bem acatadas pelo povo.

Depois de Três Lagoas/MS, foi transferido para a paróquia de Nova Xavantina/MT, onde permaneceu de 1991 até 1998. Lá em outro rincão, com outros costumes, conviveu com diferente cultura ao lado das margens do Rio das Mortes. A população mais antiga eram os descendentes de garimpeiros ou de funcionários federais, acrescida de imensa quantidade de imigrantes do sul, do Paraná, Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, e a região contava ainda com paulistas em grandes empreendimentos de produção. Trabalhou e se dedicou com a mesma persistência em atender a todos da cidade e às capelas rurais, que eram numerosas. Prosseguiu com seus programas pastorais diários na rádio da cidade de Nova Xavantina/MT. Lá também fez da persistência e da perseverança sua maior certeza de estar cumprindo com o legado

perante a cidade: o atendimento espiritual e pastoral a todos os fiéis.

Em 1999, foi transferido para a paróquia de Indápolis, distrito de Dourados/MS. Prosseguiu seus trabalhos diários com a dedicação normal de seu coração e de sua simplicidade amorosa para com o bem de seus paroquianos. Sempre muito apreciado e estimado por todos, soube cativar e manter os fiéis nas atividades dessas paróquias. Continuou com sua presença simples e atuante em meio aos fiéis e ao lado dos noviços, pelos quais era muito estimado. Algumas maneiras de sua descontração transformaram-se em evidentes manifestações de alegria e de convivência fraterna com os noviços e com os demais salesianos. Apreciado por todos como confessor, era a referência da tranquilidade do salesiano em paz consigo mesmo, com Deus, com os seus deveres sempre cumpridos com especial alegria. Manteve suas formas culturais de identificar os seus gostos: colecionar aranhas no quarto, cuidar de seu fusca antigo e manter a vivacidade na hora das refeições, quando sua conduta era exemplar quanto à mastigação dos alimentos.

Sempre procedendo com muita alegria e muita satisfação pelo trabalho de pároco, passou a debilitar-se fisicamente ao surgir, depois de cinco anos de pároco, uma doença. Esse quadro agravou-se e, no ano seguinte, foi transferido para Cuiabá/MT, na qualidade de vigário paroquial na comunidade do São Gonçalo, porém sua saúde não lhe permitia a liberdade de trabalhar como em tempos idos. Devido a esse agravamento da saúde, em 2007, foi transferido para a comunidade do Colégio Salesiano Dom Bosco de Campo Grande, como vigário paroquial. Sua saúde não lhe deu trégua, e o câncer complicou-se. Depois da operação resistiu por mais alguns anos. Trabalhou dependente dos medicamentos e dos cuidados. Mesmo assim, foi um confessor sempre esperado e vigário paroquial zeloso, como sempre.

Como vigário paroquial no Dom Bosco de Campo Grande

/MS, foi diretor espiritual da ADMA (Associação dos devotos de Maria Auxiliadora) da Capela Dom Bosco, além de ser continuamente requisitado para bênçãos, exéquias, confissões e direção espiritual. As suas missas eram apreciadas por todos e, de modo especial, as homilias. Tinha um carinho especial pelos doentes da Santa Casa de Campo Grande, aonde ia todos os dias visitar os doentes. Eis o relato de uma senhora que o acompanhou nesses últimos anos no atendimento aos doentes:

“Em tantos e tantos lugares, precisam de nós! E, pela graça de Deus, podemos ser de muito proveito para todos.

Ninguém é inútil. Deus nos fez tão ricos! Somos cheios de talentos, amor e sabedoria. Basta buscar a fonte que jorra o incansável, em nosso mundo interior. E Pe. Eduardo, procurou isso, custe o que custar. Estava sempre incansavelmente pronto.

Pe. Eduardo nos encheu de exemplo! Sua alma nunca criou ferrugem, sua alma estava sempre acesa às chamas incandescentes da vida! Ninguém conseguiu destruir o dom que Deus lhe deu, nem a metástase devida ao câncer, nem as quimioterapias, nem seus tombos, nem seus anos vividos. Dom este, tão útil para o crescimento de nossa comunidade da Capela Nossa Senhora Saúde dos Enfermos da Santa Casa de Misericórdia.

Pe. Eduardo nos fez chegar mais perto de Deus e nos fez realizar em Deus, através de sua tão sublime homilia de estilo mineiro. Suas parábolas que usava tocavam o coração de todos, e muitos escreviam o que ele dizia.

Num certo dia, visitando aos enfermos, um evangélico desviado disse-me que jamais voltaria para a Igreja Católica. Pe. Eduardo foi visitá-lo e lá lhe pediram para ministrar a Unção dos Enfermos, e no próximo domingo o enfermo estava assistindo à Santa Missa com muita alegria no coração, seus olhos brilhavam acatando tudo que ele anunciava e denunciava.

Pe. Eduardo que cada dia da semana visitava sorrateiramente, andar por andar daquela Casa de Saúde, conversando com enfermos, atendendo suas necessidades espirituais. Era alento para o coração de todos. E quando alguém partia para o seio eterno do Pai, ele estava sempre em contato com os familiares do ente querido, visitando-os, aconselhando-os, alegrando-os, e sempre os presenteava com alguma coisa.

Pe. Eduardo, que enfeitou nossa capela, há tantos anos através da Celebração do Santo Sacrifício de Cristo no Calvário, na consagração do pão e do vinho, JESUS, Nosso Senhor – pelos seus lábios - tornando uma singela matéria em Corpo, Sangue, Alma, e Divindade.

Era muito íntimo amigo de Deus, Nosso Senhor e, quando perdoava os pecados, sempre dizia uma de suas peculiaridades “que Deus tenha dó de nós,” perdoando todos os nossos pecados. Essa sua particular frase convertera a muitos, inclusive a mim.

Tive o grande privilégio de tê-lo como meu diretor espiritual. Passávamos horas e horas de conversas. Não era fácil deixar esse meu amigo.

Tinha um modo especial no trato com os jovens, e minha filha particularmente era apaixonada por ele, falavam-se sempre, até no último dia que se encontrava em casa de seus familiares.

E, se Deus, Nosso Senhor nos fez tão ricos, não foi para deixarmos enterrada toda esta riqueza, mas para que a desenvolvêssemos, a multiplicássemos e a distribuíssemos. Entretanto, para que sejamos capazes de tal, Pe. Eduardo, com seu caráter humilde, estava sempre à nossa disposição, todos nós que somos necessitados da Misericórdia Divina para continuar a nossa jornada.

Através de suas experiências, Pe. Eduardo foi testemunho de coragem, que nos convida para desenferrujar as ferramentas de nossas almas, dando-nos verdadeiro testemunho que ninguém é inútil.

Estava sempre confiando em Deus, na sua intercessora Nossa Senhora Auxiliadora,

*Mãe de Jesus e nossa mãe, que lhe deu a coroa da glória
celeste com todos os seus anjos, santos e santas de Deus!
Muito obrigada Senhor por nos ter dado Pe. Eduardo.
Amém."*

Maria Amélia Cunha de Figueiredo

No final de 2010, agravou-se mais o seu estado de saúde. No início de 2011, pediu para ir visitar suas irmãs em Belo Horizonte, para onde seguiu acompanhado pelo cuidadoso Pe. Aldir da Silva. Seu estado de saúde agravou-se momentaneamente, talvez pela certeza de estar ao lado das irmãs; de fato seu organismo não mais assimilava as possibilidades de recompor-se. Definhava a olhos vistos. Com o terço na mão, faleceu de forma tranquila e sossegada. Pelo visto queria mesmo encerrar a sua vida ao lado das queridas e estimadas irmãs. Assim entregou sua vida a Deus ao findar a primeira hora do dia 30 de janeiro de 2011.

TRAÇOS MARCANTES

1 - Assimilação da vida salesiana nos moldes da grande estruturação das casas de formação marcadas pela regularidade e muitas atividades em todas as áreas e setores, por bons professores e gosto pela cultura clássica e patriótica. Assim, em Lavrinhas/SP, deparou-se com uma comunidade formadora muito bem estruturada quanto aos estudos, às atividades diárias, às festas normais de uma casa de formação. Dedicou-se cuidadosamente à organização para as festas na liturgia mediante cantos e cerimônias solenes, preparação de academias e peças teatrais, preparação musical com a banda e com os diversos grupos de cantores; às novenas e celebrações especiais dos cantos das vésperas e de outras celebrações na capela; à execução das solenes celebrações das missas cantadas acompanhadas de um grupo grande do pequeno clero. Deu ritmo formativo à participação nos grupos das companhias, nos trabalhos voluntários para orações especiais e mortificações depois proclamadas nas celebrações e,

principalmente, ao ano letivo marcado pelas contínuas celebrações religiosas, sociais e de cunho recreativo, como as academias e as peças teatrais. Esse ritmo educativo compunha o arcabouço em que as oportunidades educativas se apresentavam a cada aspirante, conforme as próprias qualidades ou dons especiais, sem que jamais deixasse de relevar a dedicação quotidiana aos estudos, à aprendizagem do latim, do grego, e da língua nacional em suas expressividades mais altas quanto ao número de novos vocábulos e de expressões consagradas pelos autores clássicos, como Pe. Viera e Camões. Esse conjunto de traços especiais e constantes compunha o conjunto de um ambiente altamente educativo e afastado de todas as novidades das grandes cidades. Esse ambiente educativo se consolidava como referência essencial para a Congregação ao se pautar pelas normas e exemplos do próprio Dom Bosco quando era seminarista em Chieri.

2 - Amor a Dom Bosco pela vida simples em todas as atividades da Congregação nas casas. Pe. Eduardo sempre foi um salesiano exemplar como trabalhador observante inserido na comunidade. As referências ao sistema preventivo e às modalidades educativas provenientes da alta dedicação de Dom Bosco aos jovens eram modelares e caminho para o seu humilde e constante trabalho de educador. Agia de forma salesiana em todas as questões administrativas ou pedagógicas, bem como na ação pastoral como pároco. Educador salesiano, espelhava a modalidade educativa do sistema preventivo nas relações com os alunos e com os paroquianos.

3- Preservação de suas raízes culturais mineiras e do vale do Paraíba em todas as suas manifestações de pessoa e de salesiano: simplicidade, linguagem elaborada e correta, como nos tempos de seminário. Expressava, ao mesmo tempo, um sentimento de sertão e de alma da beleza e pureza do povo do interior. A casa de formação, em sua juventude, tinha lhe proporcionado a conservação de sua cultura original mineira, acentuadamente

modificada pela visão de vida e da vida salesiana nas modalidades que eram passadas aos aspirantes e aos estudantes de Filosofia, em Lavrinhas/SP e Lorena/SP. A cultura dessas casas de formação se mostrara tão forte que lhe padronizara a sua visão de mundo e de si mesmo perante os colegas, perante a comunidade salesiana em que viveu. Tinha a liberdade de brincar com as suas qualidades e frustrações, dentre as quais citava: não ter aprendido a andar de bicicleta, a tocar violão e utilizar o computador. Em suas conversas e posturas, mostrava as qualidades de sua origem mineira por ter sempre um quê de suspeita e de desconfiança perante o desconhecido. Identificava-se por alguns traços especiais: gostar do fusca e ornamentar o carro de forma especial.

4 - Capacidade de trabalho onde e como as circunstâncias pediam, quer no internato, quer na administração, quer como professor de português, quer como pároco atencioso. Trabalhava para a comunidade a ponto de deixar de dormir regularmente.

5- Sua cultura clássica se manifestou poeticamente nas raízes da cultura popular, ao elaborar programas de rádio com imagens agradáveis ao povo; tornou-se um poeta em seus programas de cultivo da fé, da piedade, da alegria na simplicidade e beleza de imagens e comparações ilustrativas de suas explicitações das mensagens do Santo do dia ou da Palavra de Deus. Em sua simplicidade de alma, conseguia manter os seus ouvintes atentos por constantes metáforas ou comparações especiais nas descrições ou caracterizações das circunstâncias da vida animada pela palavra de Deus. Esse foi o seu fio condutor de verdadeiro poeta popular e agradável, para expressar as características da aplicação da palavra de Deus na vida diária. Simples e convincente, atraía ouvintes, que diariamente se postavam para ouvir a sua orientação através do programa do rádio.

6 – Expressão de seu modo de ver e de se posicionar perante a vida valendo-se de aforismos ou criações poéticas populares. Em outras palavras, em seus aforismos sintetizava uma visão das das pessoas,

das posturas e das relações. Assim: a) - sobre os salesianos "Salesianos é como um pneu de carro. Quando novo é pneu dianteiro; quando é de meia idade é pneu traseiro; e, quando é idoso, é pneu estepe!" b) "Jovem é que nem melancia: precisa abrir sempre para encontrar um são." c) "Às vezes, a gente fecha os olhos para ver mais longe." d) "Quem está na garupa não governa as rédeas." e) "Não se deve fazer em pé o que pode fazer sentado." f) "Pé de mamão que não é lenhado; bife que não é batido; menino que não apanha... não vai virar muita coisa." g) "Vale mais um amigo na praça do que dinheiro em caixa." h) "Melhor romaria faz quem em casa fica em paz." (quando convidado para a ordenação presbiteral do diácono Inácio, em Barra do Garças/MT) i) "Quando morei em Barra do Garças-MT, nos anos de 1967 e 1968, recebíamos no almoço marmitas: numa vinha duas folhas de alface; em outra arroz; em outra feijão; e na quarta marmita, dois pedaços de carne. Não podia comer muito, porque tinha que sobrar para o jantar. Nem energia elétrica tinha lá naquela época." j) Em seu quarto, haviam duas frases bíblicas, uma na parede e outra na porta do guarda-roupas. Na parede: "Fica comigo Senhor. O dia vai alto, o sol já no acaso... E a noite... chegando, chegando." (Lc 24, 29). Na porta do guarda-roupa, acima da foto dos pais: "Senhor, ensinaí-nos a valorizar os nossos dias. Dai, pois, ao nosso coração sabedoria." (Sl 89, 13).

7 - Foi um pregador singular, tanto nas homilias como no retiro para salesianos. Preparou-se muito bem para o retiro anual do salesianos, no final do mês de janeiro de 1960. O tema central do retiro foi o lema: Santificat in veritate! Todos aguardavam suas pregações pelo desenvolvimento do assunto e pela linguagem carregada de comparações metafóricas de extraordinária simplicidade e originalidade.

8 - Piedoso e cumpridor de suas obrigações sacerdotais; o breviário que o deixava dormindo de joelhos na igreja. Atendimento impecável dos fiéis em suas necessidades; grande apóstolo da

presença e da capacidade de acolher os humildes e simples. Salesiano formado nos tempos antigos, perseverou em seus hábitos, na capacidade de se organizar e de atualizar as atitudes e posturas; soube situar-se com alegria diante de todas as ferozes reformas oriundas do Concílio Vaticano II, sempre com a mesma postura de simplicidade e sem dramatizar as situações. Muito atencioso e educadíssimo em seu linguajar e na vida de comunidade.

9 - Foi um salesiano trabalhador. Como tal, legítimo filho de Dom Bosco. Sem arroubos, fez da constância e da perseverança no trabalho o traço fundamental de sua postura de religioso filho de Dom Bosco. Sem dramatizar, aceitava as indicações dos superiores e dispôs-se sempre a cumprir o trabalho designado, com dedicação e constância. A melhor expressão de seu modo de ser: grande salesiano pelo espírito de doação e dedicação em toda a sua vida constantemente dedicada ao trabalho pastoral.

Conclusão.

Pe. Eduardo, originário da Inspeção de São Paulo e Minas Gerais, muito cedo pediu para se transferir para a Inspeção de Mato Grosso para realizar o seu desejo de ser missionário. Não foi designado para uma casa missionária entre os índios, mas foi um grande missionário nas periferias e nas paróquias por onde esteve. Foi missionário ardoroso conforme o espírito de Dom Bosco, ao se integrar perfeitamente ao modo de ser e de trabalhar da Inspeção de Campo Grande, que se institui como missionária em todas as suas obras indistintamente das casas propriamente entre os índios. Assim ela nasceu e permanece, movida em todos os setores da atividade pedagógica e espiritual salesianamente missionária. Pe. Eduardo, em várias oportunidades, trabalhou testemunhando o seu ser e agir de salesiano íntegro e apostólico, sacrificado e ardoroso pelo bem das almas e de todos os seus alunos ou fiéis paroquianos. Na vida comunitária, sempre foi exemplar na convivência, portador de uma liberdade alegre e divertida,

exemplar na observância dos votos e na piedade sacerdotal. Feliz em ser sacerdote que não mediu esforços para esforços para ultimamente, atendia os doentes com muita piedade e dedicação. Salesiano de postura edificante quanto ao caminho de sua santidade, em especial, pela sua constância no trabalho pastoral. Para os leigos sempre foi o padre "Santo" e acolhedor. Que seu exemplo possa suscitar muitas vocações para essa Inspetoria Missionária!

Pe. Afonso de Castro e Pe. Ricardo Carlos

Dados para o necrológico

Pe. Eduardo Francisco Onofre de Ambrósio (1930-2011)

* Nasceu em Belo Horizonte / Minas Gerais / Brasil – 03/12/1930

† Faleceu em Belo Horizonte / Minas Gerais / Brasil – 30/01/2011

Com 80 anos de idade

63 anos de vida religiosa

54 anos de sacerdócio

ANEXO 1
Amigo - (Claudemir Rivarola)

Amigo,
Como é triste saber que vais embora
Amigo,
Vais partir porque chegou a hora

Saudades, sentiremos de você
Saudades, sentiremos de você

Que tristeza traz a tal da despedida
E também a tal da emoção.
Falamos isto, pois sentimos agora
Como elas ferem o nosso coração.

Por isso,
Saudades sentiremos de você
Saudades sentiremos de você

Compreendemos esta situação
Semeou em outro e aqui no nosso chão
Se vais embora és um bom semeador,
Certeza temos pela escolha do senhor!

Mas,
Saudades sentiremos de você
Saudades sentiremos de você.

Anexo 2
Ave Maria do Vaqueiro

É hora da Ave Maria
O sol já está sumindo
E não tarda a noite chegar.
Abençoi, oh! Mãe querida,
O vaqueiro a cavalgar

Ave Maria... Do meu coração
Abençoi o vaqueiro
Da cidade e do sertão.

Oh! Minha nossa senhora!
Padroeira de todos os rincões,
Abençoi o vaqueiro
Da cidade e do sertão.

Assim tocando a boiada
Sobre o sol e o poeirão
O berrante toca tão triste
E lá vai no sertão

Quando o sol vai se escondendo
Por de trás das matarias
E os pássaros cantando
Em coro fazem a melodia
Parecem anjinhos divinos
Anunciando Ave Maria.

O vaqueiro chora triste
Dentro a noite serena e fria
Pensando em sua amada
Que muito longe deixou um dia

O vaqueiro é homem forte
O caboclo do sertão
Quando a boiada estoura
Enfrenta a morte pra ganhar o pão
Enfrentando a tempestade
No meio do sertão